

O negro em seu devido lugar: uma leitura de “O embondeiro que sonhava pássaros”, de Mia Couto

Márcio Matiassi Cantarin*

*“Falar, escrever, significa falar contra,
escrever contra.”
Silviano Santiago*

Resumo: O objetivo do presente artigo é tentar evidenciar, no traço do moçambicano Mia Couto, os artifícios usados para que, subjacente ao discurso mágico/maravilhoso, se construa uma sólida postura de resistência e quiçá revide do colonizado ao colonizador. Na esteira do pensamento de Albert Memmi (1977), que identifica variadas etapas no processo de descolonização, e de Franz Fanon (1977), para quem este processo é sempre violento, o ensaio percorre o caminho de tomada de consciência por parte do negro de seu papel na sociedade moçambicana. Deste modo o nativo, sempre posto em um lugar subalterno pelo discurso colonial, retoma seu *status* de senhor da terra onde vive.

Palavras-chave: Mia Couto. Literatura moçambicana. Estudos pós-coloniais.

Seja por meio da força, seja fruto de um discurso mistificador, o colonizador sempre procurou deixar claro o lugar que competia ao negro na sociedade colonial. Esmerou-se em mostrar que a cor da pele também matizava a organização do mundo, dando sempre prerrogativas a quem tivesse a cor branca, mesmo na terra dos negros. Nos momentos de revolução, os colonizados também usaram da força armada para lutar por sua emancipação, mas para efeito de uma descolonização por inteiro, mais que matar o corpo do inimigo, do opressor, faz-se necessário que o colonizado subtraia de sua própria mente o sentimento de inferioridade que lhe foi imputado pela parafernália do discurso colonial.

1 Nas entrelinhas do maravilhoso

O enredo de “O embondeiro que sonhava pássaros”, conto integrante da coletânea *Cada homem é uma raça*, conta a história (*estória*, como preferiria o autor) de um velho

* Mestre em Letras UEL. Doutorando em Letras UNESP/Assis. E-mail: cantarin@gmail.com.

<i>Revista Língua & Literatura</i>	FW	v. 12	n. 18	p. 145-155	Ago. 2010. Recebido em: 15 maio 2010. Aprovado em: 12 jul. 2010.
--	----	-------	-------	------------	---

negro sem nome (moçambicano, é de se crer) que habitava o oco do tronco de uma árvore (o embondeiro) e sobrevivia de vender pássaros silvestres. Todas as manhãs adentrava o bairro dos colonos portugueses com suas gaiolas, provocando algaravia entre as crianças brancas e granjeando-lhes a amizade. Os pais não gostavam da situação, que consideravam como uma afronta por parte do negro (pelo simples motivo de ser negro), ainda mais por este ficar “enchendo” a cabeça dos pequenos com suas histórias. Tal fato se agrava quando as aves do vendedor (que a despeito de tudo os colonos acabavam comprando) começam a provocar desavenças nas casas, fugindo das gaiolas e espalhando alpiste por gavetas ou abrindo portas dos guarda-roupas.

A tensão chega ao ponto dos portugueses se organizarem para ir conversar com o velho. Uma das crianças, porém, escuta a conversa dos pais e corre para avisar o amigo da intenção dos adultos. Não obstante o alerta, o vendedor não foge e é espancado pelos colonos. O garoto observa tudo de um esconderijo. O passarinho é então levado para a prisão, de onde desaparece misteriosamente na manhã seguinte. O menino, que passara a noite do lado de fora da cadeia à espera de notícias, não vendo mais ninguém ali, volta ao embondeiro e se abriga no oco. Os portugueses procuravam pelo fugitivo e ouvem, então, o som da gaita que pertencera ao velho e ora era tocada pelo menino. No ímpeto da vingança, ateam fogo ao embondeiro, matando a árvore e o portuguesinho. Vale transcrever esta última passagem, carregada de tocante lirismo:

As tochas se chegaram ao tronco, o fogo namorou as velhas cascas. [...] nasciam espantosos pássaros e soltavam-se, petalados, sobre a crista das chamas. As chamas? De onde chegavam elas, excedendo a lonjura do sonho? Foi quando Tiago sentiu a ferida das labaredas, a sedução da cinza. Então, o menino, aprendiz da seiva, se emigrou inteiro para suas recentes raízes (COUTO, 1990, p. 68).

O embondeiro, também conhecido como baobá, entre outras denominações, é uma árvore gigantesca de tronco e galhos excessivamente grossos e folhas esparsas, comum nas savanas africanas. Atinge em média quinze metros de altura e oito metros de diâmetro do tronco (embora exista o registro de uma árvore com quinze metros de diâmetro!). Está relacionado ao sobrenatural, ao mágico, por toda a África, por vezes com um caráter maléfico, principalmente na porção árabe do continente, povoando o imaginário de diversos povos. Na cultura quimbundo, é equiparado a uma espécie de gênio da natureza, o espírito *Kituta*. Enfim, o que interessa ao presente artigo é que a árvore circunscreve-se ao mundo sócio-religioso dos africanos, sendo assim, elemento cultural desses povos. Partindo desse ponto é Revista Língua & Literatura. Frederico Westphalen, v. 12, n. 18, p. 145-155. Dez. 2009.

que se poderá notar que o embondeiro da história, bem como os pássaros e o passarinho vão operar, enquanto colonizados, uma estratégia de invasão, conquista e destruição dos colonizadores.

Segundo José Castello (2003), Mia Couto “narra de um jeito para transformar Moçambique num reino de fadas”, sendo que seus relatos permaneceriam “suspensos da realidade como as lendas antigas” e seus personagens – maravilhosos – habitariam uma “zona intermediária entre a terra e o nebuloso”. Aquele que lê o conto em pauta, facilmente verifica esse seu estilo (ignorado no breve resumo que se fez). Assim, pode-se considerar a árvore, os pássaros e o negro como se fossem um único ser – talvez *Kituta* – uma vez que tais pássaros provavelmente não existissem de verdade (eram sonhos do embondeiro, como o título anuncia) e o negro desaparecesse misteriosamente em meio a uma invasão das aves. Emblemático é o episódio em que Tiago “gritou pelo velho, responderam os pássaros” (COUTO, 1990, p. 67). Tal ente, que personifica o colonizado e sua cultura, age em defesa desta ao atacar o colonizador. Esse ataque nada mais é que fruto da revolta, necessária ao processo de descolonização. De acordo com Franz Fanon, no seu *Los condenados de la tierra* (1977), a “descolonização sempre é um fenômeno violento” e o colonizado estará falando/agindo de fato quando assumir uma posição de enfrentamento do opressor de modo antagônico. E certamente não há um recurso de enfrentamento mais antagônico que o assassinio, tal qual ocorre com Tiago no conto.

Mas há que se deter para evidenciar, e assim entender melhor, o porquê da relação colonizador X colonizado atingir um tal grau de hostilidade. Essa explicação passa pela questão do racismo que é, segundo os teóricos do colonialismo, o ponto que “resume e simboliza a relação fundamental que une colonialista e colonizado” (MEMMI, 1977, p. 68). Não é necessário dizer que essa postura racista toma como parâmetro o colonizador e sua cultura. Com isso ele irá mistificar a si próprio como superior, legando ao colonizado – polo oposto – o papel subalterno. Fique claro que essa dualidade de colonizado/inferior *versus* colonizador/superior é inconcebível, senão da perspectiva do racismo que o dominador se esforça por imprimir à relação. Tanto se esforça que consegue. Uma vez que num primeiro contato um povo alcança subjugar outro por força de suas armas, dali em diante se julgará superior em todos os aspectos, e o povo dominado – a princípio por medo – acabará com o tempo acreditando no que diz o dominador, tal a força e constância dessa estratégia de mistificação, que nada mais é que a pura criação/invenção de estereótipos negativos do outro.

O exemplo mais clássico dessas invenções colonialistas é a preguiça, de que são acusados todos os povos colonizados (e os brasileiros, principalmente os índios, sabem bem disso).

No entanto, a estrutura de dominação, pautada nessa pretensa superioridade do conquistador, permanecerá em pé somente até o dia em que o colonizado passar a compreender e tentar reverter sua situação, revidando tudo que sofreu, na mesma medida. É esse momento de revide que se vê processar no *Embondeiro* de Mia Couto. Paradoxalmente, no momento do ataque/revide, o colonizado usa as mesmas armas do colonizador. Isso se explica pelo fato de a única linguagem que pode ser compreendida por este último é a que ele próprio usa. Com o nível de conscientização que o colonizado atinge no momento da revolta (e que a propicia), ele já consegue enxergar que a melhor estratégia para atacar o outro é através da incorporação antropofágica daqueles mesmos métodos (as linguagens) que o dominador usara.

Apesar do halo mágico que envolve o conto, fica implícito seu caráter de porta-voz da resistência. Ao texto, pois. Primeiramente algumas transcrições onde transparece a ideologia europeia de mistificação e dominação. Logo no primeiro parágrafo aparece: “O vendedor de pássaros não tinha sequer o abrigo de um nome. Chamavam-lhe o passarinho” (COUTO, 1990, p. 61). Já se pode observar do pequeno trecho, dois elementos que interessam à presente análise, dos quais, o fato do homem não ter um nome – ou seja, não ser visto como um indivíduo – é o primeiro. Tal constatação, aparentemente sem importância, é apontada pelos estudos pós-coloniais como uma das principais artimanhas contra os colonizados: despersonalizá-los, generalizá-los, acaba por apagar as especificidades das etnias e culturas, o que só faz ratificar o racismo. Ademais, o narrador se refere ao homem como “vendedor de pássaros”, em contraste com a forma depreciativa usada pelos colonos, “passarinho”.

Outro trecho: “Por trás das cortinas, os colonos reprovavam aqueles abusos. Ensinavam suspeitas aos seus pequenos filhos” (COUTO, 1990, p. 62). Dessa última frase não há o que comentar; “Ensinavam suspeitas” fala por si. Já o referido abuso, será esclarecido à frente do que se trata: “Quem autorizara aqueles pés descalços a sujarem o bairro?” (COUTO, 1990, p. 62). Adiante, os pais de Tiago se lamentarão com respeito às companhias do menino: “– Descalço, como eles” e “– Foste a casa dele? Mas esse vagabundo tem casa?” (COUTO, 1990, p. 62). E quando o menino falava das crenças dos nativos, que ouvira do negro, a mãe “suavizava”, tratando a cultura e religião do outro como “– Disparate” (COUTO, 1990, p. 63).

Há também um momento no qual os pais se questionam onde o vendedor poderia achar aqueles pássaros, tão belos e jamais vistos? Chegavam a suspeitar se o negro não teria acesso a um “mundo” no qual os portugueses não poderiam entrar, para logo em seguida “diminuir-lhe os méritos: o tipo dormia nas árvores, em plena passarada. Eles se igualam aos bichos silvestres, concluía” (COUTO, 1990, p. 63). E as conclusões chegavam ainda mais longe. O culpado por uma série de problemas poderia ser “aquele negro, sacana, que se arrogava a existir, ignorante dos seus deveres de raça” (COUTO, 1990, p. 64).

Para encerrar esse comentário acerca do caráter do colonizador, resta aludir à questão de que as administrações coloniais (e seus funcionários) são, em geral, medíocres, conforme revela Memmi (1977, p. 54-5). Isso também aparece no conto, na figura do guarda da prisão para onde é levado o vendedor. Diante da ordem dos colonos para que interrogasse o prisioneiro e o “espremesse” bem, “o guarda continenciou-se, obediente”, mas... “nem ele sabia que segredos devia arrancar do velho” (COUTO, 1990, p. 67).

Agruras tais quais as citadas acima, infelizmente, não são um caso particular, mas regra na colônia. E uma regra sem exceções, que se agrava quando se toma conhecimento que, no caso Moçambicano, perdurou por cerca de 470 anos de dominação portuguesa (entre 1505 e 1975, aproximadamente). Uma seca calamitosa e mais 17 anos de guerra civil fizeram de Moçambique uma das nações mais pobres do mundo.

É de dentro dessa conjuntura que se deve procurar enxergar e entender as atitudes tomadas pelo negro-embondeiro-pássaros, enquanto agente(s) do mundo colonizado. Volta à baila, então, o tema do revide, necessário ao processo de descolonização, e sempre pautado na violência. E agora já se pode compreender, diante do quadro exposto, o quão frágeis se tornam expressões como *diálogo* e *tolerância*. Ademais – é bom lembrar – o colonizador não as compreenderia, pois não é essa a sua linguagem.

O colonizado irá invadir o espaço do outro, como teve o seu invadido. Expropriar o que o outro lhe tirou. Debochar das instituições do outro, com foi feito com as suas e, por fim, assassinar o outro, e aqui com mais requinte que nunca. Basta lembrar do conto: são os colonos que ateam fogo ao embondeiro, matando o menino branco.

2 A retomada do seu lugar

A invasão foi o primeiro passo para a conquista da colônia e, segundo a linha que se está desenvolvendo, deve ser também a primeira providência do colonizado no movimento pela reconquista do seu espaço. Observe-se a sequência:

Todas as manhãs ele [o vendedor] passava nos bairros dos brancos carregando suas enormes gaiolas. [...] Quem autorizara aqueles pés descalços a sujarem o bairro? [...] No dia seguinte o vendedor repetiu a sua alegre invasão. [...] Os brancos se inquietavam com aquela desobediência... (COUTO, 1990, *passim*).

Desobediência e invasão são palavras-chave que denotam algo diferente acontecendo, a ponto de fazer com que os colonos sentissem “ciúmes do passado” (COUTO, 1990, p. 64), um tempo em que os negros permaneciam submissos. E a invasão não vai ficar somente nesse desacato às leis de organização social da colônia. Se o colonizador “invadiu a mente” do colonizado, ao atribuir-lhe uma série de características (lembre-se da preguiça, por exemplo), e pior, convencendo-lhes de que eram mesmo inferiores face à insistência dos argumentos, agora, o colonizado vai buscar também a mesma coisa.

Assim, o vendedor “puxava de uma muska [gaita] e harmonicava sonâmbulas melodias” (COUTO, 1990, p. 61-2), como se estivesse a hipnotizar/encantar os meninos, para usá-los em seu favor, uma vez que as crianças, “por graça de sua sedução se esqueciam do comportamento” (COUTO, 1990, p. 64). E essa espécie de domínio da mente se estendia aos adultos que – a despeito de tudo, como já foi dito – compravam os pássaros, “tão encantantes” (COUTO, 1990, p. 62) que eram.

Violadas as convenções sociais impostas pelo branco, que excluiu o negro do espaço que outrora fora seu, este vai agora tentar recuperá-lo. E o primeiro e decisivo passo nesse sentido é mostrar ao outro que tem consciência de quem é o verdadeiro dono da terra e quem é o invasor. Desta forma, no texto, quando os portugueses estão indo ao encontro do velho para resolverem a situação, ao invés de fugir, ele veste um terno e fica à espera, afirmando sua posição de dono da terra, que deve receber bem os visitantes, como um bom anfitrião. Isso delimita precisamente o estágio (avançado) da consciência do colonizado, ou seja, o velho tem noção de quem é quem. No entanto a ação mais deliberada nesse sentido, parte dos pássaros (é bom lembrar que para efeito desse estudo, está se considerando as aves, o negro e o embondeiro, como um ser único – metáfora do colonizado): “Conforme dele [do vendedor] se comprava, as casas mais se repletavam de doces cantos. Aquela música se estranhava nos moradores mostrando que aquele bairro não pertencia àquela terra” (COUTO, 1990, p. 63-4), o que leva o narrador a refletir: “Afinal, os pássaros desautenticavam os residentes, estrangeirando-lhes?” (COUTO, 1990, p. 64). Possivelmente, quase que certamente, era essa a

intenção. De que os colonos assim interpretassem a mensagem dos pássaros, não há evidências, até porque essa mensagem subliminar logo dará lugar a uma ação material.

Não é preciso dizer que o colonizador não respeita qualquer instituição do colonizado, afinal sua intenção é provar que são inferiores e, portanto, não mereceriam mesmo qualquer deferência. No conto isso aparece – como já foi dito – através do comentário da mãe de Tiago (“– Disparate”), que desautoriza a sabedoria da cultura africana. E eis que chega a vez do outro: os pássaros vão fugir das gaiolas e, além de arrombar o armário das armas na casa dos Silvas e espalhar alpiste na gaveta de documentos dos Peixotos, vão macular o símbolo da administração colonial: “No lar do presidente do município: (...) Os sérios requerimentos municipais cheios de caganitas. / – *Vejam este: cagado mesmo na estampilha oficial*” (COUTO, 1990, p. 65).

O método antropofágico que o negro vinha desenvolvendo vai agora atingir seu auge. O ataque fazendo uso de recursos tomados ao próprio atacado já havia acontecido quando o “passarinheiro” provocara desavenças familiares usando os filhos dos colonos como seus agentes, após tê-los habilmente imbuídos das crenças africanas. Agora, no momento do antagonismo por excelência, o momento de suprimir a existência do inimigo, pode-se notar dois pontos de exemplar sagacidade.

O primeiro é não sujar as mãos no ato de violência. Na prática, os assassinos são os próprios portugueses. Mas por trás do ato material há toda uma deliberação que o motivará, coisa que exime de exclusividade o pensamento dos que acreditam que a morte do garoto foi uma fatalidade, fruto do acaso. Há indícios no final do conto de que aquele desfecho foi preparado. Quando o velho some da prisão, por exemplo, parece lógico que o menino voltaria ao embondeiro para procurá-lo. No caminho é acompanhado pelas aves “em cortejo de piação” (COUTO, 1990, p. 68), como se elas acompanhassem um enterro. Chegando ao oco da árvore, por si só um símbolo uterino, Tiago vai tocar a muska que pertencera ao negro, que não só chama a atenção dos colonos, como impede que a aproximação destes seja ouvida. Desta feita, meio que hipnotizado no “ventre do embondeiro”, onde “desatara um sonho”, o portuguesinho só irá perceber o fogo quando já for impossível se desvencilhar da “sedução da cinza” (COUTO, 1990, p. 68). E o segundo ponto a que se referiu como de exemplar sagacidade do colonizado é o ato de provocar a morte justamente de uma criança, que num primeiro momento – como visto – lhe servira de arma.

Considerações Finais

De acordo com a estratégia de leitura pós-colonial que se tentou descrever neste artigo, não há como desconsiderar um dado que fica nas entrelinhas do texto. Incitado pelo negro, Tiago acredita “que o embondeiro, em desespero, se suicida por via das chamas. Sem ninguém pôr fogo” (COUTO, 1990, p. 62-3), crença da qual seus pais não compartilham (basta lembrar o comentário da mãe). É de crer então, que num virtual último momento de consciência antes de “emigrar” (belíssimo eufemismo!), quando “sentiu a ferida das labaredas” (COUTO, 1990, p. 68), Tiago tenha achado que o negro falara a verdade, ao passo que seus pais mentiram. Uma vez que não sabia que incendiavam a árvore, o menino possivelmente pensasse que ela estava se suicidando, ficando, no último momento de sua vida, com a impressão de crédito da cultura do colonizado em detrimento da sua e de seus pais brancos.

A escritura de Mia Couto pode até se mostrar “de um jeito para transformar Moçambique num reino de fadas” (CASTELLO, 2003), mas suas raízes – aquela parte oculta que dá sustentação – estão bem fincadas no chão do real, testemunhas da luta do povo. Depois de tanto ser explorado, o povo, na figura do velho, compreende que a identidade precisa de um alicerce (ainda que também possa ser construída e remodelada constantemente), e um indivíduo deslocado e inferiorizado perde-se em meio a informações contraditórias que os outros dão sobre sua pessoa e cultura.

Compreender e retomar “o seu devido lugar” (o lugar que lhe devem!) é dar mostras do amadurecimento intelectual necessário à construção de uma nova identidade de nação; uma nação pós-colonial não somente no sentido cronológico do termo, mas uma nação com cidadãos livres do jugo colonial que pesava sobre suas terras e suas mentes.

Resumen: El objetivo de este trabajo es mostrar en la obra del moçambicano Mia Couto los dispositivos utilizados para que detrás al discurso mágico / maravilloso, y construido una posición sólida de la resistencia y quizás represalia de los colonizados al colonizador. A raíz del pensamiento de Albert Memmi (1977), que identifica las distintas etapas del proceso de descolonización, y Franz Fanon (1977), para quien este proceso es siempre violento, el trabajo percorre el camino de la conciencia por el negro de su papel em la sociedad de Mozambique. Así, el negro, siempre puesto en un lugar subalterno por el discurso colonial, ocupa su lugar en la tierra donde vive.

Palabras-clave: Mia Couto. Literatura moçambicana. Estudios poscoloniales.

Referências

Revista Língua & Literatura. Frederico Westphalen, v. 12, n. 18, p. 145-155. Dez. 2009.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2000.

CASTELLO, José. *Janela para o impossível*. Disponível em: <<http://www.zaz.com.br/istoe/cultura>>. Acesso em: 21 jun. 2003.

COUTO, Mia. *Cada Homem é uma raça: estórias*. Lisboa: Caminho, 1990.

FANON, Franz. *Los condenados de la tierra*. México: Ponto de Cultura Económica, 1977.

LIMA REIS, Eliane Loureiro. O entre-lugar do discurso africano. In: LIMA REIS, Eliane Loureiro. *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*. Rio de Janeiro: Relume, 1999.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PINTO DE ANDRADE, Mário. A literatura negra e seus problemas. In: LARANJEIRA, Pires. *Negritude africana de língua portuguesa*. Braga: Ângelus Novus, 2000.